



ROBERTO RODRIGUES

Uma década essencial

Em novembro de 2010, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) divulgaram um importante estudo sobre a demanda global por produtos agrícolas nos próximos dez anos. Segundo a pesquisa, a oferta de alimentos terá de crescer 20%, principalmente para atender ao crescimento da população e da renda *per capita* nos países emergentes. A ampliação da oferta deverá vir de várias regiões. A União Europeia contribuirá com crescimento de 4%; a Austrália, com 7%; Estados Unidos e Canadá, com um máximo de 15%; e Rússia, China, Índia e Ucrânia com algo em torno de 27%. A maior contribuição deverá vir do Brasil, com 40% de aumento na produção. Não se trata de uma estimativa feita por brasileiros. É uma previsão de organismos multilaterais respeitados em todo o planeta.

Além disso, a demanda por biocombustíveis pode crescer ainda mais, dada a crescente preocupação internacional com as emissões de gás carbônico causadas pelos derivados de petróleo. União Europeia, Estados Unidos e Japão têm, somados, mais de 60 carros leves por 100 habitantes. Mas China e Índia, com mais de um terço da população do planeta, têm menos de três carros por 100 habitantes. A China foi o país que mais comprou automóveis no mundo todo nos últimos dois anos. Como chineses e indianos já estão comendo, embora a renda e a população crescentes mostrem que a demanda por alimentos deverá aumentar ainda mais, é possível que a necessidade de combustíveis líquidos cresça até mais do que isso.

Para completar esse quadro complexo, é importante destacar que o grande desafio da humanidade no século XXI é exatamente compatibilizar a melhor exploração agrícola com o uso adequado dos recursos naturais. É a famosa sustentabilidade, palavra de ordem dos tempos modernos, pronunciada milhares de vezes, diariamente, em todos os quadrantes.

O Brasil já fez muito nessa rota, porque tem a mais eficiente tecnologia tropical sustentável em sua atividade rural. Os números são expressivos. Nos últimos 20 anos, a área plantada com grãos no país cresceu 25%, enquanto a produção cresceu 154%. Com isso, foi possível deixar de desmatar mais de 45 milhões de hectares, dado o aumento de produtividade agrícola. Nada mais sustentável do que isso.

Com a produção de cana, principal produto para os biocombustíveis, não foi diferente. Também cresceu muito mais em função do aumento da produtividade que da área plantada. O etanol emite apenas 11% de CO₂ emitido pela gasolina, se considerarmos toda a cadeia produtiva da cana, desde seu plantio, segundo dados da Unicamp. Não é por acaso que a Agência Ambiental Americana concedeu a nosso etanol de cana o galardão de "amigável". Finalmente, já plantamos mais de 6 milhões de hectares de florestas no país.

As novas tecnologias desenvolvidas no Brasil nos colocaram na vanguarda da sustentabilidade global. É o caso da integração lavoura-pecuária-floresta, cuja área vem crescendo ano após ano e servindo de modelo a todo o mundo tropical. O próprio Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento lançou neste ano um vasto programa chamado Agricultura de Baixo Carbono (ABC), com recursos vultosos que estimulam os produtores rurais a investir nessas novas tecnologias. O recente projeto lançado na COP 16 em Cancún, pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA), em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), para viabilizar a preservação de nossos biomas é uma demonstração da postura preservacionista de nossos produtores rurais.

O Brasil já tem, portanto, um crédito notável de ações em direção à sustentabilidade, que o credencia a liderar a revolução da biomassa que se avizinha com a chamada "economia verde". É por isso também, que, sem nenhum avanço na Rodada de Doha, da OMC, sem redução alguma do protecionismo dos países ri-



Roberto Rodrigues
é ex-ministro da Agricultura, coordena o Centro de Agronegócio da FGV, é presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de economia rural da Unesp-Jaboticabal

estamos avançando sobre os mercados mundiais. Em 1999, as exportações do agronegócio eram de US\$ 21 bilhões; em 2010, já ter superado os US\$ 75 bilhões. Pela primeira vez na história, os emergentes ocuparam a maior fatia das nossas exportações (leia os gráficos abaixo).

É claro que já estamos dando as respostas que o mundo espera de nós – e podemos fazer mais. Com a tecnologia tropical eficiente, temos mais a oferecer do que qualquer outro país, além de um agricultor competitivo e capaz, técnico e gerencialmente. Mas precisamos fazer a lição de casa para encontrar com o destino assinalado pela OCDE e pela FAO. Há seis temas essenciais:

1. um programa de renda rural, que inclua o pleno emprego e o desenvolvimento do seguro rural, a reforma da legislação de crédito rural e a atualização da Política de Garantia de Preços Mínimos;
2. transformar em realidade todos os projetos de melhoria da infraestrutura e de logística, um de nossos maiores gargalos, seja nas obras previstas pelo PAC, em programas setoriais como o das ferrovias;
3. ampliar nossas relações comerciais bilaterais, com

políticas públicas agressivas, promoção comercial, acordos privados com as grandes redes de distribuição no exterior. Isso nos permitirá agregar valor às nossas matérias-primas; é claro que são indispensáveis avanços na encalhada Rodada de Doha, da OMC;

4. cuidar da defesa sanitária, um gargalo severo;

5. investir em tecnologia, um setor dinâmico, que exige coordenação entre os organismos de pesquisa;

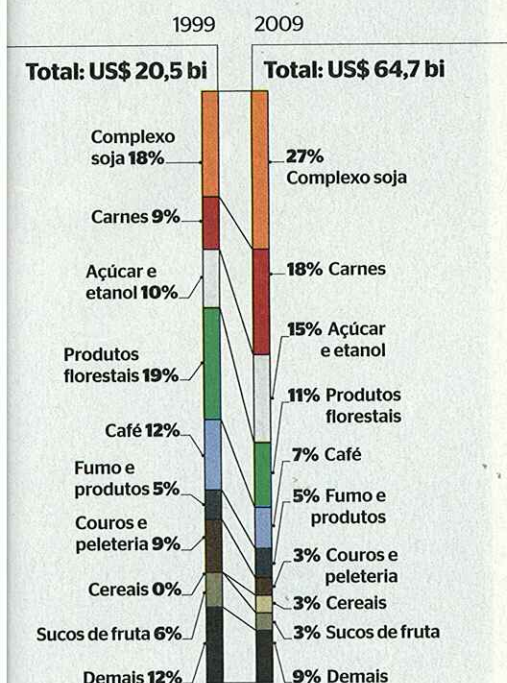
6. criar uma estratégia de Estado para o agronegócio que envolva todos os órgãos de governo, e não apenas os ligados à agropecuária.

Em 2011, teremos um novo governo federal, novos governos estaduais e um novo Parlamento. Se todos compreenderem a extensão desse cenário favorável, o país dará um salto formidável. Nos próximos dez anos, o Brasil ampliará sua produção rural, agregando valor, gerando milhares de empregos, ampliando as exportações e assumindo papel preponderante, contribuindo, por meio da agroenergia, para uma substancial reforma na geopolítica mundial (na medida em que serão os países tropicais os grandes supridores dessa novidade). A década que se inicia em 2011 é extremamente favorável ao nosso já competitivo agronegócio. Não temos o direito de perder esse trem. ♦

20 anos de mudanças Como mudou o perfil do agronegócio brasileiro

AS EXPORTAÇÕES CRESCERAM...

As vendas no mercado externo e os principais produtos exportados pelo Brasil em 1999 e em 2009



...E OS COMPRADORES SE DIVERSIFICARAM

Os principais destinos das exportações brasileiras do agronegócio em 1999 e em 2009

